
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

UM CAUSO DE INTERSECÇÃO: RETÓRICA ESPECISTA/SEXISTA EM CONTOS GAUCHESCOS, DE SIMÕES LOPES NETO

Liege Schilling Copstein¹ (URI/FW)
e Thiane Nunes² (UFRGS)

RESUMO: Partindo da inquietação provocada pelo evento conhecido como “Resgate das porcas do Rodoanel”, mobilização popular acontecida em 2015 quando do acidente com uma carreta conduzindo fêmeas suínas para o abate em São Paulo, traçamos considerações sobre a intersecção das opressões sexista e especista sobre as fêmeas animais não humanas, utilizando o conceito de interseccionalidade proposto pela pesquisadora e ativista feminista Kimberlé Crenshaw, e analisamos sua representação na obra *Contos gauchescos*, de Simões Lopes Neto, onde essa mesma intersecção serve aos propósitos de consolidar uma mitologia gaúcha veiculada pela literatura regionalista. Para tanto, nos valem das reflexões contidas principalmente nas obras *O animal que logo sou*, de Jacques Derrida, e *A política sexual da carne*, de Carol Adams, além dos estudos sobre o fenômeno regionalista na literatura gaúcha levados a cabo por Regina Zilberman, Charles Kiefer e Luis Augusto Fischer, precedidos de uma breve contextualização da questão animal em sua dimensão social, filosófica e acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: sexismo; especismo; interseccionalidade; Regionalismo.

AN INTERSECTION TALE: SPECIES/SEXIST RHETORIC, IN SIMÕES LOPES NETO’S CONTOS GAUCHESCOS

ABSTRACT: Known as “Resgate das porcas do Rodoanel”, the mass mobilization that took place in 2015 in São Paulo after the crash of a truck driving a female pigs for slaughter in São Paulo raised concerns over a less considered aspect of animal rights, the intersection of sexist and speciesist oppressions over non-human females. Applying the concept of intersectionality proposed by the feminist and activist Kimberlé Crenshaw, we analyze its representation in *Contos gauchescos*, by Simões Lopes Neto, where this same intersection serves the purposes of consolidating a southern-brazilian mythology conveyed by regionalist literature. In order to do so, we make use of the reflections contained mainly in the essays *O animal que logo sou*, by Jacques Derrida, and *The sexual policy of meat*, by Carol Adams, in addition to studies on the regionalist phenomenon in southern-brazilian literature carried out by Regina Zilberman, Charles Kiefer and Luis Augusto Fischer, preceded by a brief contextualization of the animal issue in its social, philosophical and academic dimension.

KEYWORDS: sexism; speciesism; intersectionality; regionalism.

Recebido em 21 de janeiro de 2022. Aprovado em 30 de junho de 2022.

¹ icopstein.abril@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-5006-3654>

² thianenunes@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-0946-2178>

No final de agosto de 2015, a carreta que transportava porcas destinadas ao abate no Frigorífico Raja, em Carapicuíba, São Paulo, tombou na região da rodovia conhecida como Rodoanel, em Barueri. Durante muitas horas, o veículo atravessado na pista impediu o trânsito e causou um congestionamento de centenas de quilômetros, recebendo intensa cobertura da mídia, inclusive com imagens aéreas em tempo real para todo o país.

O que se viu nessas imagens, porém, inesperadamente mobilizou um setor da sociedade preocupado não com os inconvenientes à logística do tráfego ou do abastecimento do frigorífico, parado à espera de sua carga, e sim com a dimensão trágica do evento na perspectiva daqueles que entendiam como as únicas vítimas: os animais. Centenas de ativistas ocuparam os arredores, improvisando primeiros socorros às sobreviventes. Das mais de cem que viajavam no veículo, dezenove haviam morrido imediatamente no acidente e dezenas agonizavam presas nas ferragens com profundos ferimentos como fraturas expostas, demonstrando intenso sofrimento.

Logo se estabeleceu um embate entre os socorristas, que insistiam em administrar água e analgésicos aos animais enquanto tentavam libertá-los das ferragens, e as equipes de guardas rodoviários e funcionários do frigorífico, que se ocupavam unicamente de agilizar a retirada da carreta, desconsiderando movimentos que intensificaram o sofrimento e causaram a morte de mais animais. Foi especialmente dramático o momento em que a carreta é recolocada na posição vertical por ação de um guindaste – transmitido para todo país pelos telejornais –, resultando de forma abrupta no visível e audível esmagamento dos animais que jaziam ainda vivos sob os volumes desarranjados pelo acidente.

Ao final do dia, apenas vinte e duas das porcas vitimadas pelo acidente – várias delas prenhas e algumas em trabalho de parto provocado pelo choque – ainda estavam vivas. Elas foram encaminhadas ao abatedouro, dando início a uma nova demanda: ativistas organizaram uma vigília pela liberação das vítimas em frente ao estabelecimento, amparados pela legislação sanitária que qualifica animais sobreviventes de acidentes como impróprios para o consumo. Como o número de manifestantes crescesse continuamente e estivesse bloqueando a entrada de outros caminhões transportando animais para abate, a diretoria do Frigorífico Raja decidiu entregar os animais acidentados. Eles foram encaminhados ao Santuário Terra dos Bichos, no interior paulista.

Uma campanha virtual, de abrangência nacional, foi iniciada pelo jornalista e influenciador vegano Fabio Chaves, titular de um canal no YouTube e do portal de direitos animais “Vista-se”. O objetivo era o levantamento de fundos para manutenção das sobreviventes, assim como o chamamento de voluntários para o trabalho no santuário. A mobilização arrecadou em poucos dias soma superior a trezentos mil reais através da plataforma Vakinha Online, gerando intenso debate através da mídia instituída e das redes sociais sobre a justificativa prática e moral desse resgate, que ficou conhecido como *As Porcas do Rodoanel*. Atualmente, 96 entre as animais sobreviventes, batizadas de “Marias”, e aqueles nascidos logo após, ainda habitam

o santuário, em recintos construídos com os fundos levantados pela campanha, que continua ativa visto que os custos da manutenção dos animais é muito elevado.

DIREITOS ANIMAIS COMO VIÉS INVESTIGATIVO

Mobilizações populares mais ou menos espontâneas como essa são indicativas de um movimento maior de reformulação das relações entre humanos e animais não humanos, que teve como marco contemporâneo, no campo acadêmico, a publicação em 1975 do ensaio *Libertação Animal*. A obra, de autoria do filósofo Peter Singer (2013), popularizou o termo “especismo”, cunhado anos antes pelo psicólogo Richard Ryder (2005). Mais recentemente, a demanda por essa reformulação emancipatória tem sido impulsionada pelas repercussões do documento conhecido como *Declaração de Cambridge*, de tal importância que cabe contextualizá-lo.

Em julho de 2012, vinte e cinco conceituados neurocientistas coordenados pelo neurologista Philip Low divulgaram, no encerramento da *Francis Crick Memorial Conference* sob o tema “Consciousness in Human and Non-human Animals”, uma pesquisa realizada com o objetivo inicial de mapear o funcionamento do cérebro humano, e desenvolver softwares que ajudassem o célebre físico Stephen Hawking, e outros como ele portadores da síndrome de esclerose lateral amiotrófica – ELA – em suas atividades cotidianas. O trabalho resultou no desenvolvimento do sistema de software livre iBrain, patenteado pela empresa NeuroVigil.

Muito além, no entanto, do lançamento oficial do iBrain, as conclusões mais impactantes divulgadas na conferência foram os achados colaterais da pesquisa. Eles levaram à formalização e divulgação da *The Cambridge Declaration on Consciousness in Non-Human Animals*, na qual os signatários afirmam:

Declaramos o seguinte: A ausência de neocórtex não parece impedir um organismo de experimentar estados afetivos. Evidências convergentes indicam que animais não humanos possuem os substratos neuroanatômicos, neuroquímicos e neurofisiológicos de estados conscientes junto a capacidade de exibir comportamentos intencionais. Consequentemente, o peso da evidência indica que humanos não são os únicos a possuírem os substratos neurológicos que geram consciência. Animais não humanos, incluindo todos os mamíferos e pássaros, e muitas outras criaturas, como polvos, também possuem esses substratos. (Tradução minha.)³

³ “We declare the following: ‘The absence of a neocortex does not appear to preclude an organism from experiencing affective states. Convergent evidence indicates that non-human animals have the neuroanatomical, neurochemical, and neurophysiological substrates of conscious states along with the capacity to exhibit intentional behaviors. Consequently, the weight of evidence indicates that humans are not unique in possessing the neurological substrates that generate consciousness. Nonhuman animals, including all mammals and birds, and many other creatures, including octopuses, also possess these neurological substrates’”.

Isso significa que esses cientistas, valendo-se de valores e métodos estritamente cartesianos num estudo cujo viés pouco poderia privilegiar tais achados, encontraram evidências significativas de que os animais não humanos são possuidores de sentiência. A sentiência é definida como um estado de consciência caracterizado pela capacidade de perceber-se como indivíduo no mundo, de experimentar emoções similares às experimentadas pelos humanos e de manifestar interesse na continuação da própria existência, preferindo o prazer e rejeitando a dor.

Já o termo “especismo” foi utilizado por Ryder pela primeira vez no texto de um panfleto distribuído em 1970 pelo Oxford Group, uma associação independente de cientistas daquela universidade mobilizados contra o que percebiam como a imoralidade da experimentação em animais, e só posteriormente incorporado por Singer. Conta Ryder:

A palavra ‘especismo’ me ocorreu enquanto tomava banho, há 35 anos, em Oxford. Era como racismo ou sexismo – um preconceito baseado em características físicas moralmente irrelevantes. Desde Darwin sabemos que somos animais humanos, relacionados a todos os outros animais através da evolução; como, então, podemos justificar nossa opressão quase total de todas as outras espécies? (2005)

Fica muito claro portanto, que desde sua gênese o termo especismo se alinha conceitual e funcionalmente a outros modelos de pensamento de exclusão, que promovem menor consideração pelos interesses de determinado grupo de indivíduos baseados apenas em características moralmente irrelevantes tais como gênero, cor da pele ou espécie. E seria apenas lógico que na esteira da consolidação de modalidades críticas pós-coloniais como é, por exemplo, a crítica feminista, viesse também a consolidação de uma crítica antiespecista.

Nesse sentido, Jacques Derrida produziu uma das mais sensíveis e abrangentes reflexões sobre a questão animal em sua dimensão filosófica, toda derivada de um curioso mal-estar: foi quando o filósofo, nu na intimidade do lar, sentiu-se perturbado pelo olhar interessado de sua gata, intuindo que tal inquietação só era possível pelo fato de saber-se alvo das atenções de outra *pessoa*. A partir dessa intuição, que resultou no ensaio *O animal que logo sou*, originalmente publicado em 1997 como integrante das atas do colóquio *L’animal autobiographique* realizado em Paris, ele propõe uma “operação de desarmamento” que consistiria em vencer a denegação histórica da alteridade animal, processo já em andamento através dos movimentos da causa animal originados no início do século XIX paralelamente a outras demandas emancipatórias como contra a escravatura, pelos direitos civis e pelo sufrágio feminino. E adverte:

Ninguém mais pode negar seriamente a negação. Ninguém mais pode negar seriamente e por muito tempo que os homens fazem de tudo o que podem para dissimular ou para se dissimular essa crueldade, para organizar em escala

mundial o esquecimento ou o desconhecimento dessa violência que alguns poderiam comparar aos piores genocídios. (Derrida 2002: 52)

Derrida refere-se aos processos narrativos linguísticos e literários pelos quais animais não humanos são reduzidos a um outro todo homogêneo que serve apenas como dado limítrofe para a construção de nossa identidade – uma “limitrofia”, como se refere – e descreve a forma como as representações de animais servem-se predominantemente de estereótipos ou arquétipos, quase nunca construindo personagens de alguma profundidade. Indo além, o autor propõe que quando se tratar de animais-figura, animais ícone, símbolo, arquétipo ou matéria de metáfora arquetípica, se utilize do neologismo “animot” (trocadilho fonético com as palavras francesas “animaux”, que designa o plural de animal, e “mot”, que designa “palavra”), já que estaremos nos referindo não a seres autônomos, mas ao “singular genérico” que a humanidade denomina “O Animal” (2002: 61).

Ao abordar a questão da redução do animal não humano a um simples dado referencial para delimitação da noção de humanidade, assim como denunciar suas representações planas e arquetípicas na literatura que remontam às fábulas da antiguidade clássica, Derrida nos fala de “uma transformação em curso, uma alteração ao mesmo tempo mais grave e irreconhecível que uma reviravolta histórica na relação ao animal, nesse estar-com que partilham o homem e o que o homem chama animal” (2002: 50).

Essa transformação, na literatura, é o que Julieta Yelin qualifica como a “a queda da metáfora animal como construção simbólica primordial do humano” (2012, p. 1), ou o “giro animal”, um processo de desnaturalização da representação plana dos animais nos textos literários resultado da mesma inquietação que caracteriza, neste estágio, a percepção sobre a alteridade animal e as implicações práticas, morais e éticas da questão. Segundo Yelin:

No âmbito dos estudos literários, a ideia de “giro” diz respeito, fundamentalmente, aos modos simbólicos que permitem pensar o humano e o animal como duas faces da mesma moeda, pois toda expressão simbólica se baseia em uma relação que, mediante a aproximação verbal de duas ordens de coisas diferentes, e mesmo opostas, revela uma analogia. O “giro animal” poderia ser entendido, então, entre outras interpretações possíveis, como uma transformação da relação entre esses dois termos, como uma mudança nos modos de funcionamento do simbolismo animal. Essa hipótese está relacionada com o giro de pensamento levado adiante, nas últimas décadas, pela filosofia: o questionamento da existência de uma linha divisória única e definitiva entre o território do humano e o do animal, e da ideia de simetria entre ambos os termos, duas questões intimamente ligadas entre si e cruciais para a construção de uma relação metafórica. (2012: 1)

Já para Isabelita Maria Crosariol (2016), em pesquisa de pós-doutorado com o tema “Crítica antiespecista e abolição animal na literatura brasileira contemporâ-

nea”, a perspectiva especista ainda predomina não apenas nos textos literários, mas nos discursos crítico-literários, e “nem sempre [os estudos críticos] se mostram comprometidos em desvelar as formas como o texto literário naturaliza ou problematiza as representações dos animais não humanos como itens para consumo humano...”. Ela enfatiza a importância de uma crítica literária não apenas interessada em analisar textos de autores antiespecistas, em maioria absoluta contemporâneos, mas também em “desconstruir as relações de subalternidade entre animais humanos e animais não humanos fixadas pelo texto literário”.

Mesmo textos consagrados e percebidos como alinhados a demandas emancipatórias podem trazer revelações inusitadas, de cunho conservador, quando lidos de um ponto de vista “paradoxal” (ou seja, descolado da doxa, do senso comum). Exemplo é o exercício de análise realizado por Ermelinda Ferreira no artigo “Metáfora animal: a representação do outro na literatura”, onde contempla o célebre poema “O bicho” (1993), de Manuel Bandeira, para concluir:

o poeta utiliza a metáfora animal como recurso de efeito para a sua crítica à miséria social. A indignação moral pressupõe a separatividade, e sequer se dá conta da exclusão que implícita. [...] o que causa maior choque ao poeta é a abjeção do homem, reduzido às condições de vida que o próprio homem determina como regra para os animais domésticos abandonados na cidade. Apesar do tom de revolta pela situação do humano animalizado, não há a mínima consideração pelas condições indignas a que os bichos estão sujeitos, fortemente denunciadas no poema à revelia do poeta. (2005)

Yelin alude à capacidade do texto literário de fixar ideologias e naturalizar condutas, e de nossa parte, entendemos que essa capacidade é mais forte quando emana de textos canônicos, sendo assim mais proveitoso submetê-los à desconstrução proporcionada por novas perspectivas críticas. Surgem então, como ideal objeto de pesquisa, os textos do autor regionalista gaúcho Simões Lopes Neto contidos na obra *Contos Gauchescos*, uma coletânea de *causos* costurados pela narrativa onisciente do personagem Blau Nunes, um velho trabalhador rural – um peão de estância – que desfia ao leitor o panorama de um Rio Grande do Sul idílico e idealizado. Mas qual o sentido dessa idealização?

Voltando a Derrida, este relaciona a questão animal ao mito bíblico de Caim e Abel. Para ele, a queda de Caim, segundo pecado original do homem depois do episódio da serpente (figura mítica que atua para inscrever a figura feminina do rol do “outro”), também é mediado pela imposição de um limite intransponível entre humano e animal. Caim mata Abel por ciúmes, após Deus ter preterido sua oferta de frutos da terra preferindo aceitar o sacrifício de novilhos que Abel lhe oferecia. Depois, “Deus havia exortado um Caim desencorajado a não perder a dignidade, em suma a cuidar de não ceder ao pecado, [...] Ele o encoraja a evitar a armadilha da tentação e uma vez mais a domar, dominar, governar” (Derrida 2002: 81).

Se, como propõe Derrida, a ideia de que a sujeição de animais e a recusa deliberada em perceber sua alteridade é um dado cultural constitutivo do próprio do homem sem o qual, até o momento, não se constrói sua noção de humanidade, tal mecanismo de construção da identidade serviu aos intuítos da constituição da literatura regionalista.

CRÍTICAS PÓS-COLONIAIS E A LITERATURA REGIONALISTA GAÚCHA

Diz Antonio Candido da literatura brasileira em geral que é “toda voltada, no intuito dos escritores ou na opinião dos críticos, para a construção de uma cultura válida no país.” (2000: 17). Ora, se a própria literatura brasileira nasceu de um esforço intencional de fixação de uma identidade nacional, não menos é dito do regionalismo que substituiu o indianismo como estética de força da nascente literatura produzida no Brasil em meados do século XIX, indianismo que na percepção de Regina Zilberman “pode ser compreendido também como o desejo de formulação de uma mitologia local, que fornecesse à recente nacionalidade uma imagem épica de si mesma...” (1980: 31).

Essa intencionalidade, quando desvelada através da análise de textos do regionalismo e especificamente do regionalismo rio-grandense, oferece uma feliz oportunidade de relacionar a construção literária do mito do gaúcho como “monarca da coxilha” (tal como é aclamado no cançãoeiro popular), e mais significativo ainda, “centauro dos Pampas” (tal como o descreveu, segundo Flavio Loureiro Chaves, José de Alencar no romance *O gaúcho*), com as representações dos animais não humanos e da própria animalidade como conceito – tantas vezes incorporada às representações também de outras minorias como a mulher e o negro – dentro dessa literatura.

Para Flavio Loureiro Chaves, no que se refere especificamente ao surgimento do regionalismo em sua vertente sul-rio-grandense, “trata-se de um fenômeno ideológico, o processo de construção do gaúcho como campeador e guerreiro, inserindo-o num espaço histórico onde os atributos de coragem, virilidade, argúcia e mobilidade são exigidos a todo momento, transportando-o ao plano do mito” (1988: 58). Chaves repara ainda que “a literatura regionalista não é ideológica apenas por deformar a realidade sob o ângulo particular dos costumes e da linguagem duma dada região; também o é neste sentido radical em que sanciona e impõe o mito – *monarca da coxilha*” (1988: 59).

Tão mais importante é a figura animal e seu tratamento nessa literatura relativamente de encomenda, quanto está especificado que foi a realidade social e econômica da estância, da propriedade rural produtiva – ou seja de uma economia em tudo apoiada sobre a sujeição e objetificação dos animais não humanos –, subjugando a figura nativa do guasca original, que criou a necessidade e a conveniência de uma exaltação do peão de fazenda alçando-o a categoria de herói, como “resultante do círculo vicioso configurado por latifúndio, pastoreio patriarcal, abundância de gado alçado, fronteira aberta” (Chaves 1988: 58).

Em relação à representação animal e da natureza em geral, Regina Zilberman refere-se a “uma cosmovisão mítica fundada na identidade entre o homem e a natureza, e mesmo na superioridade da última sobre o primeiro, respaldada sobretudo na superstição” (1977: 153) Ela se refere à identidade entre o homem e o animal como fator fundamental que sustenta um sistema baseado no “absolutismo do tempo, implicado à ideia de destino, através da previsibilidade dos acontecimentos futuros pelos seres naturais” (Zilberman 1977: 154)

Sob uma visão antiespecista, esse conferir às figuras animais de poderes sobrenaturais está a serviço da própria mitificação, e achatamento, de suas representações, aproximando-os do terreno fabuloso para o qual nos alerta Derrida: “A fabulação, conhecemos sua história, permanece um amansamento antropomórfico, um assujeitamento moralizador, uma domesticação. Sempre um discurso do homem; sobre o homem; efetivamente sobre a animalidade do homem, mas para o homem, e no homem.” (2002: 70). Nova problematização antiespecista pode ser lançada sobre os pressupostos de Zilberman:

O fator fundamental que sustenta tal sistema é a identidade entre o homem e o animal, antes de tudo com o cavalo ou o cachorro, que são os companheiros do gaúcho, cavaleiro solitário que percorre o pampa num serviço nômade e aventureiro. Sendo o contato humano substituído pela companhia do animal, e dependendo da fidelidade de ambos a sua segurança, a antropomorfização torna-se possível, e mesmo desejada... [...] Este fato possibilita outro: a crença de que os animais podem ter mais sentimentos que os homens, que eles são melhores... (1977: 154)

Em primeiro lugar, a noção do cavalo, e mesmo do cachorro, como amigos e companheiros do homem é desafiada pela constatação de que nenhum deles participa voluntariamente e desinteressadamente dessa associação.

O cavalo, aliás, só é alçado a companheiro após passar por violento processo de doma, processo esse que dá margem a referências metafóricas à sujeição da mulher pelo homem, como evidencia o uso pelo narrador Blau Nunes da expressão “amanonsiar” (que segundo nos explica nota de Luís Augusto Fischer, tem o sentido de “domar, amansar; no contexto, significa ter relações sexuais”) em relação à personagem Tudinha no conto “Nego Bonifácio”, de Simões Lopes Neto: “Mais tarde vim a saber que foi o negro Bonifácio fora o primeiro a... a amanonsiar a Tudinha...” (1998: 52)⁴.

E aqui começa a se delinear uma estratégia discursiva de animalizar as personagens mulheres e “afeminar” – termo que transporta valor pejorativo - as personagens não humanas, estratégia essa que pede pelo cotejo de uma crítica feminista com a crítica antiespecista. Essa sobreposição de sistemas de opressão operada no sentido retórico é passível, na nossa opinião, de ser analisada sob as lentes da intersecionalidade, conceito que cabe explicitar.

⁴ Nota Bene: a documentação da obra (1998) de Lopes Neto será feita apenas com data e página.

A teoria interseccional tem como expoente mais conhecido a professora pesquisadora Kimberle Crenshaw, titular da Universidade da Califórnia e da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, e ativista nas áreas dos direitos civis, da teoria legal afro-americana e do feminismo. Embora a ideia de refletir sobre como a opressão e exclusão experimentadas por um indivíduo minoritário exige recortes específicos considerando outras minorias às quais esse mesmo indivíduo pertence já despontasse no horizonte acadêmico e do ativismo social desde os anos 1960, foi em 1989 que Crenshaw formalizou os contornos da teoria da interseccionalidade.

Esta surgiu, como já demonstrado, interessada especificamente no sistema de subordinações interativas e autoreferenciadoras que acometia as mulheres negras americanas, enfrentando, de um lado, o machismo estrutural do próprio movimento antirracista, e por outro, o racismo contido nas estruturas de um feminismo fruto majoritariamente das experiências e reflexões de mulheres brancas de classe média. Em 2001, o texto fundador da teoria interseccional tal como proposta por Crenshaw foi publicado nos anais da Conferência Mundial contra o Racismo, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância (WCAR), realizada na África do Sul.

Desde então, o conceito de interseccionalidade ganhou popularidade e foi incorporado às investigações e práticas de gestão das desigualdades e questões identitárias, e entendemos que seu modelo pode ser aplicado para perceber uma situação de interseccionalidade quando se trata da supressão de direitos das fêmeas humanas e não humanas. Vale citar a contribuição teórica da professora pesquisadora Maneesha Deckha, em seu artigo *Animal Advocacy: feminism and intersectionality*, quando afirma:

Tenho observado como a integração das questões animais e da espécie enquanto identidade na interseccionalidade é uma extensão perfeitamente compatível com os principais princípios da interseccionalidade e a orientação teórica subjacente (Deckha 2008). Também expliquei quantas questões identificadas como questões femininas e, portanto, rapidamente aceitas e normalizadas pelas feministas como áreas do estudo feminista, também envolvem dimensões animal/espécie e implicam considerações pós-humanistas sobre poder e justiça. Por outro lado, discuti como essas questões vistas como questões de “direitos dos animais” também se relacionam intensamente com questões de raça, gênero, etnia e classe que normalmente capturam a atenção feminista (Deckha 2006). Essas são três maneiras pelas quais as análises pós-humanistas podem incorporar-se adequadamente à interseccionalidade e enriquecer suas contribuições para teorizar a injustiça. (2013: 50; tradução minha)⁵

⁵ “I have addressed how the integration of species identity and animal issues into intersectionality is an extension that is acutely compatible with intersectionality’s main tenets and underlying theoretical orientation (Deckha 2008). I have also explained how many issues identified as women’s issues, and thus quickly accepted by feminists as normalized areas of feminist study, also involve animal/species dimensions and implicate posthumanist concerns about power and justice. Conversely, I have discussed how those issues seen as “animal rights” issues also intensely relate to issues of race, gender, ethnicity and class that normally capture feminist attention (Deckha 2006). These are three ways in which posthumanist analyses can properly reside within intersectionality and enrich its contributions to theorizing injustice”.

A ideia de animalidade como feição inferior do caráter e do comportamento torna-se em retórica poética igualmente não é nova, e tomamos a liberdade de reproduzir aqui um exemplo que foge a nosso objeto principal. Trata-se da bela estética narrativa contida no romance *Chapadão do Bugre*, no qual a personagem da mula Camurça assume por vezes o protagonismo de perspectiva, mas sobretudo na passagem que relata a longa e paciente perseguição empreendida pelo vaqueiro José de Arimatéia a sua noiva Maria do Carmo, surpreendida em amores escusos com o filho do patrão, que ele acaba de assassinar. Valendo-se de todo conhecimento empírico acumulado por uma vida campeira em busca de reses perdidas e de caça – a integração do homem ao ambiente natural, elemento essencial do imaginário regionalista –, José vasculha as matas ao longo da madrugada, enquanto a moça, em tudo imbuída do papel de presa, faz uso do mesmo tipo de conhecimento para escapar ao perseguidor e sobreviver:

Os pés descalços de Maria do Carmo haviam moldado fundas marcas no lameiro beira-rêgo. Escorrendo para enchê-las, o caldo mole do barro começava a empoçar-se naquelas formas parecidas com meias-cabacinhas de pescoço fino, serradas de comprido – fáceis pegadas ao clarão da lua. [...] Na ceva não se escondera a excomungada – ele viu, depois de se agachar e olhar melhor por debaixo da cobertinha de capim; tampouco ela atravessara por dentro do chiqueiro, pois os pés enlameados largariam, na certa, restos de barro no empedrado lavado pela chuva. [...] Ah, cadelinha dos demônios! - e ele, de um pulo, alcançou a moita de feijão-andu, amassadinha de pouco: por ali é que a bandida havia entrado no mandiocal! (Palmério 1965: 44)

Essa aproximação da figura feminina com a representação de animalidade, e mesmo como objeto das mesmas práticas de sujeição dos animais não humanos, tão craramente colocada em passagens da produção musical nativista contemporânea no Rio Grande do Sul como na canção “Morocha”, interpretada por Luiz Carlos Borges, que declara “mulher pra mim é como redomão; maneador nas patas e pelego na cara”⁶, é identificável na obra de Simões Lopes Neto, e serve para demonstrar como a representação estereotipada de uma minoria sociológica pode servir para o fortalecimento da imagem mítica.

Novamente em Simões Lopes Neto, no conto “Os cabelos da china” (1998: 101), o narrador Blau Nunes revela que por muito tempo utilizou, sem saber, um “buçalete e um cabresto” (respectivamente, segundo notas explicativas de Luís Augusto Fischer, “pequeno buçal, arreio de cabeça de cavalo, em geral feito de couro” e “peça de couro pela qual se puxa o animal, que é presa ao buçal”) feitos de cabelo de mulher. Presentes do amigo Juca Picumã, os inusitados objetos haviam sido confeccionados por este com a cabeleira arrancada a sua filha, Rosa, a quem ele tinha por donzela recatada e surpreendera a acompanhar, como concubina de oficiais, guarnições do exército inimigo durante a Guerra dos Farrapos.

⁶ <https://www.vagalume.com.br/luiz-carlos-borges/morocha.html>

O castigo aplicado a Rosa pelo pai, além de simbolizar a castração pela supressão de um ancestral atributo da sedução feminina – os cabelos – igualiza o tratamento dispensado por Picumã tanto a animais (de quem arranca o couro, como salienta Blau quando descreve o amigo dizendo que foi este que lhe ensinou “a courear uma égua, a preceito, estaquear o couro, cortar, lonquear, amaciar de mordança”) quanto a mulheres – de quem arranca os cabelos, ambos reduzidos a condição de objeto e propriedade. Para Blau, também, resta concluir, no conto “Negro Bonifácio”: “Ah! Mulheres! - Estancieiras ou peonas, é tudo a mesma cousa... tudo é bicho caborteiro [traçoieiro]...; a mais santinha tem mais malícia que um sorro velho [raposa]!” (1998: 53)

A representação feminina na obra de Simões Lopes Neto já foi alvo de diversas investigações restando mais ou menos consenso na maioria delas de que a figura da mulher, ora submissa – anjo – ora maliciosa – demônio, serve aos propósitos de erigir “uma determinada imagem do gaúcho: o macho guerreiro, destemido na luta contra o inimigo ou as forças da natureza, que percorre a imensidão do campo inseparável do seu cavalo” (Chaves 1988: 57). A virilidade, como atributo maior do guerreiro, é reforçada, por oposição, pela caracterização da mulher como entidade obscura e amoral.

Cabe mencionar o romance *A mulher de costas* (2006), de Marcia Tiburi, segundo volume da “Trilogia Íntima” composta pela autora, que estabelece uma intertextualidade com a obra de Simões Lopes Neto ao incorporar o personagem narrador de *Contos Gauchescos* (1998), Blau Nunes. Ele é descrito sob a perspectiva de sua narradora, uma personagem feminina híbrida construída a partir de referências à lenda da Salamanca do Jarau, ou ainda a Teiniaguá, criatura mística meio mulher meio animal - uma salamandra, réptil conhecido no sul como “lagartixa” ou “lagarto”. A Teiniaguá, desde seu texto assentado pela tradição oral, desafia a estrutura patriarcal instaurada por via da religião institucionalizada, e associa a figura da mulher “animalizada” a dinâmicas transgressoras do status quo.

Porém, uma perspectiva antiespecista seria capaz de ainda acrescentar outro enfoque à análise promovida pela crítica feminista sobre o regionalismo, pois nelas, o nivelamento das figuras femininas com as figuras animais surge apenas como um recurso de degradação do feminino, e não como alusão a uma opressão compartilhada por duas minorias.

Por outro lado, a analogia, interação, e repercussões dessas duas formas de opressão, e suas representações, são tema do estudo *The Sexual Politics of Meat – a feminist vegetarian critical theory*, de Carol J. Adams, onde autora evidencia e analisa a animalização da figura feminina e a feminização da figura animal como dois lados da mesma moeda de um discurso opressor.

É inevitável não produzir associação com o seguinte trecho de “Correr Eguas” (1988: 88) — também integrante de *Contos Gauchescos*, onde Blau descreve ocasiões festivas mais ou menos comuns na rotina das imensas estâncias, reunindo dezenas de trabalhadores das redondezas que confraternizavam com os patrões ocupados da

tarefa de capturar os melhores “exemplares” entre as manadas de cavalos selvagens que periodicamente reproduziam-se além do conveniente para os fazendeiros, chegando a milhares, e matar os restantes.

Além de oportunidade para que os peões exibissem sua destreza nas lides com animais não humanos – a narrativa é rica nos detalhes técnicos dessas práticas-, a quem era dispensado tratamento extremamente brutal em verdadeiras carnificinas que resultavam em fraturas e mortes por quedas, esmagamento, afogamento ou degola, as eguadas propiciavam, segundo conta Blau, que cada um deixasse o local ao final do dia da posse de uma pequena “tropilhita” de animais capturados.

Pois o narrador Blau, em certo momento, se compraz de forma evidentemente sensualizada a descrever que “Conforme boleava um animal e ele caía, o campeiro chegava-se e passava-lhe o ligar em cima do garrão e apertava, acochava, à moda velha; hom!... era mesmo como botar uma liga de mulher, com perdão da comparação!” (1998: 88). A propósito, Adams afirma que:

A violência sexual e o consumo de carne, que parecem ser formas diversas de violência, encontram um ponto de intersecção no referente ausente. O imaginário da violência sexual, e a própria violência sexual, muitas vezes dependem do nosso conhecimento de como os animais são massacrados e comidos. Por exemplo, Kathy Barry nos fala de “maisons d’abattage”, (tradução literal: abatedouros) onde seis ou sete meninas atendem 80 a 120 clientes por noite. Além disso, o equipamento da pornografia - correntes, atizadores, arreios, coleiras e cordas sugere o controle dos animais. Assim, quando as mulheres são vítimas de violência, o tratamento de animais é lembrado.⁷ (2010: 68; tradução minha)

Esta associação nos traz novamente à constatação de que assim como a opressão sexista, a opressão especista é um traço da cultura rio-grandense plenamente incorporado pelo discurso formador do mito do gaúcho, ainda mais fortemente quando associado à questão da produção de carne como principal atividade econômica do estado naquele recorte temporal. Ainda segundo Adams,

De muitas maneiras, a desigualdade de gênero é incorporada à desigualdade de espécies que o consumo de carne proclama, porque para a maioria das culturas, a obtenção de carne foi realizada por homens. A carne era uma mercadoria econômica valiosa; aqueles que controlavam essa mercadoria possuíam o poder. Se os homens eram os caçadores, então o controle desse recurso

⁷“Sexual violence and meat eating, which appear to be discrete forms of violence, find a point of intersection in the absent referent. Cultural images of sexual violence, and actual sexual violence, often rely on our knowledge of how animals are butchered and eaten. For example, Kathy Barry tells us of ‘maisons d’abattage (literal translation: houses of slaughter)’ where six or seven girls each serve 80 to 120 customers a night. In addition, the bondage equipment of pornography—chains, cattle prods, nooses, dog collars, and ropes—suggests the control of animals. Thus, when women are victims of violence, the treatment of animals is recalled”.

econômico estava em suas mãos. O estatuto das mulheres está inversamente relacionado com a importância da carne nas sociedades não tecnológicas...⁸
(2010: 58; tradução minha)

Esse fenômeno é percebido por Moreira em sua análise da tipologia dos heróis em oposição aos anti-heróis, quando conclui, embora não empreenda uma investigação mais aprofundada sobre a causa de tal caracterização, no que toca à alimentação: “Quanto aos hábitos, as oposições registradas são: na alimentação: carnívoro/vegetariano; no transporte: cavalo/carretinha; no vestuário: tirador de couro/pala de seda” (1982: 52).

Podemos comprová-lo numa das raras passagens puramente cômicas da coleção dos *Contos Gauchescos*, na narrativa “Chasque do Imperador”, que descreve uma visita do imperador Pedro II aos pagos observada de perto por ninguém menos que o próprio Blau Nunes, na época cabo do exército. Em certo momento, quando elogia o bom aspecto de um regimento, o imperador é confrontado com a seguinte exclamação por parte do comandante: “— Que vossa majestade está pensando?... Tudo isto é indiada coronilha, criada a apoio, churrasco e mate amargo... Não é como essa cuscada lá da Corte, que só bebe água e lambe a ... barriga!” (1998: 97). Mais adiante, abordado por uma mulher do povo, Nhã Tuca, que o convida a visitá-la no seu rancho, afirmando “é de gente pobre, mas tudo é limpo com a graça de Deus... e sempre há de haver uma terneira gorda para um costilhar!...”, o imperador cede a um momento de carinho pela simplicidade da súdita e a abraça, o que leva Blau, escandalizado, a afirmar: “O imperador – esse era meio maricas, era!...” (1998: 99).

Finalmente, como teste final à masculinidade do visitante, conta Blau que, durante a hospedagem numa estância amiga, “quando foi a hora do almoço, na mesa só havia doces e doces... e nada mais” (1998: 99). O mesmo cardápio se repetiu à noite e na manhã do dia seguinte, quando enfarado, Pedro II capitulou: “— Meu amigo, os doces são magníficos... mas eu agradecia-lhe muito se me arranjasse antes um feijãozinho... uma lasca de carne...”; ao que o anfitrião, ele também aliviado, exclama: “— Quê! Pois vossa majestade come carne?! Disseram-me que as pessoas reais só se tratavam a bicos de rouxinóis e doces e pasteizinhos!... Por que não disse antes, senhor? Com trezentos diabos!... Ora esta!... Vamos já a um churrasco... que eu, também, não aguento estas porqueries!...” (1998: 99; 100).

É válido mencionar que Simões Lopes Neto se insere na fase final do movimento regionalista, tendo publicado no início do século XX, e já prenunciando de várias formas a desconstrução do mito do “centauro do Pampa”, como afirma Flávio Loureiro Chaves sobre o gaúcho dos *Contos Gauchescos* “dialeticamente restaura e contradiz o mito heroico do monarca da coxilha” (1988: 63), introduzindo talvez o embrião do movimento seguinte, caracterizado pela trilogia do “gaúcho a pé” produzida por Cyro Martins, na qual Chaves identifica a derrocada final do mito do gaúcho, “após

⁸“In many ways, gender inequality is built into the species inequality that meat eating proclaims, because for most cultures obtaining meat was performed by men. Meat was a valuable economic commodity; those who controlled this commodity achieved power. If men were the hunters, then the control of this economic resource was in their hands. Women’s status is inversely related to the importance of meat in non-technological societies...”.

entregar o próprio cavalo, como se o despojassem do derradeiro atributo ‘épico’” (1988: 65).

Os trechos de textos de *Contos Gauchescos* analisados neste artigo foram selecionados considerando, além de sua representatividade e adequação à investigação proposta, os limites fixados para extensão deste trabalho. Isso não significa, longe disso, que esgotem as possibilidades analíticas a debruçar sobre a obra objeto. As retóricas sexista e especista perpassam, como quisemos apontar, a própria gênese do mito fundador de uma cultura gaúcha, e estão presentes em todos os contos integrantes da obra objeto, restando expandir esta investigação.

ANTES DO FIM, UMA PALAVRA SOBRE AS PORCAS DO RODOANEL

Escolhemos este evento dentre tanto outros igualmente significativos da inquietação social a respeito dos direitos animais – como o emblemático resgate das centenas de cachorros Beagle mantidos para testes farmacológicos no extinto Instituto Royal, em São Paulo em 2013 – justamente porque ele ilustra a especificidade da intersecção de opressões sobre as fêmeas animais não humanas. Mesmo no contexto de sequestro dos direitos mais fundamentais a que são submetidos os animais pelas atuais práticas da agroindústria, às fêmeas é reservada uma parcela a mais de sofrimento e desrespeito diretamente ligada às suas funções reprodutivas.

As porcas do Rodoanel eram “matrizes”, cujos corpos passaram por anos de confinamento em que foram utilizadas para a geração de mais animais destinados ao abate, e foram destinadas ao mesmo fim, como é prática na pecuária, quando sua capacidade de produção decaiu em razão de esgotamento físico. Sob uma perspectiva antiespecista, essa exploração em nada difere da praticada em diferentes culturas e momentos históricos contra as mulheres humanas, e tal fato vem ao encontro das representações contidas nesta análise. Resta a expectativa de contribuir, com reflexão, para uma mudança onde o “giro animal” não se dê apenas no terreno metafórico.

OBRAS CITADAS

ADAMS, C. J. *The sexual politics of meat: \ a feminist vegetarian critical theory*. New York: The Continuum International Publishing Group, 2010

BANDEIRA, M. O bicho. *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CHAVES, F. L. *História e literatura*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1988.

CROSARIOL, I. M. Por uma crítica literária antiespecista. III Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica, III. Disponível em <http://ocs.codethe.net/index.php/ecocritica/ecocritica2016/paper/view/101>

DECKHA, M. Animal advocacy, feminism and interseccionalidade. *Deportate, esuli, profughe*, Veneza, v. 23, jul. 2013. Disponível em https://www.unive.it/pag/fileadmin/user_upload/dipartimenti/DSLCC/documenti/DEP/numeri/n23/Dep_04.pdf.

DERRIDA, J. *O animal que logo sou*. São Paulo: Unesp, 2002.

FERREIRA, E. Metáfora animal: a representação do outro na literatura. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 119-135, jul.-dez. 2005. Disponível em: <http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/2607.pdf>.

Consciousness in human and non-human animals. *Francis Crick Memorial conference*, Cambridge, July 2012. Disponível em: <http://fcmconference.org/>.

LOPES NETO, J. S. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

MOREIRA, M. E. *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Instituto Cultural Português, 1982.

PALMÉRIO, M. *Chapadão do bugre*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965

RYDER, Richard D. All beings that feel pain deserve human rights. *The Guardian*, London, 6 ago. 2005. Disponível em <https://www.theguardian.com/uk/2005/aug/06/animalwelfare>.

SINGER, P. *Libertação animal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

TIBURI, M. *A mulher de costas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

YELIN, J. O giro animal na literatura de Wilson Bueno. *Conexões Itaú Cultural*, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://conexoesitaucultural.org.br/wp-content/uploads/2012/03/O-giro-animal-na-literatura-de-Wilson-Bueno-Julietta-Yelin-portugu%C3%AAs.pdf>.

ZILBERMAN, R. *Do mito ao romance – tipologia da ficção brasileira contemporânea*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.